

190

2



Euzebio Queiroz

Farinha de mandioca diluída em água é o principal alimento

do povo sateré. O alimento é preparado em casa.

## Combate à desnutrição preocupa o povo sateré

A instalação de um posto de assistência médica no Marau pode representar o primeiro passo para que a comunidade sateré-mawé enfrente um inimigo temível, a desnutrição, que ameaça principalmente as cri-

anças, mas sem deixar os adultos de lado. A inédita sessão da Assembléia Legislativa, no Dia do Índio, serviu para mostrar mais este drama vivido pelos índios da região do município de Maués. (Página A3)

190  
4532

SATERÉS-MAWES

# Desnutrição atinge 40% das crianças

**Ivânia Vieira**  
Enviada especial

A desnutrição é o mais grave problema enfrentado, hoje, pelos Sateré-Mawé. Dados da Prefeitura Municipal de Maués, a 267 KM de Manaus, indicam que 40% da população infantil é desnutrida. Entre os adultos, o percentual estimado é de 35%. A farinha de mandioca constitui-se no principal alimento. É diluída em água e servida em cuíbas, pratos de alumínio ou esmaltados, em forma de mingau, chamado de "chibé".

O médico paraense Jorge de Almeida Brito, 52, há 17 anos trabalhando no região de Maués, classifica de "muito sério" os problemas na área da saúde enfrentados pelos Sateré-Mawé. Na sua lista, a desnutrição também aparece em primeiro lugar. Tuberculose e Hanseníase vêm em seguida. Nas mulheres, é alta a incidência de câncer de colo uterino e ginecológico.

O vereador Almeida Brito (PMDB), é cirurgião-geral e obstetra, diz que as mulheres com câncer, quando são examinadas já apresentam um estágio avançado da doença. "A prevenção não existe", alega.

Brito revelou que, nas mulheres mais adultas e com muitos filhos, tem feito a ligadura de trompas. O médico não tem o número exato de cirurgias, desta natureza, que foram realizadas. Mas, admite: "foram muitas". Não há crianças com deficiência física ou mental. O maior problema dos recém-nascidos é o de serem prematuro de peso.

Para Jorge de Almeida, a instalação de um posto de assistência médica no Marau, representa uma ajuda no combate aos problemas dos Sateré. O médico acredita que o posto vai estimular além da presença constante, a diversificação das noções de saúde, incluindo a prevenção.

A cárie dentária é outro desafio. A maioria absoluta desses índios apresentam a doença. Há um trabalho visando popularizar o hábito do bochecho fluorado, com boa aceitabilidade por parte das crianças.

**Alimentação** — Os Sateré-Mawé são coletores. A escassez da caça, pesca e produtos da flora no seu habitat natural levou os índios a um gradativo processo de pobreza. A desnutrição é uma das primeiras consequências. No Marau, algumas iniciativas estão sendo implementadas pela Prefeitura de Maués, como a substituição da monocultura do guaraná por culturas diversificadas. Estão sendo estimulados os cultivos de batata (tipo cará), feijão, cupuaçu, pupunha, melancia e a pecuária.

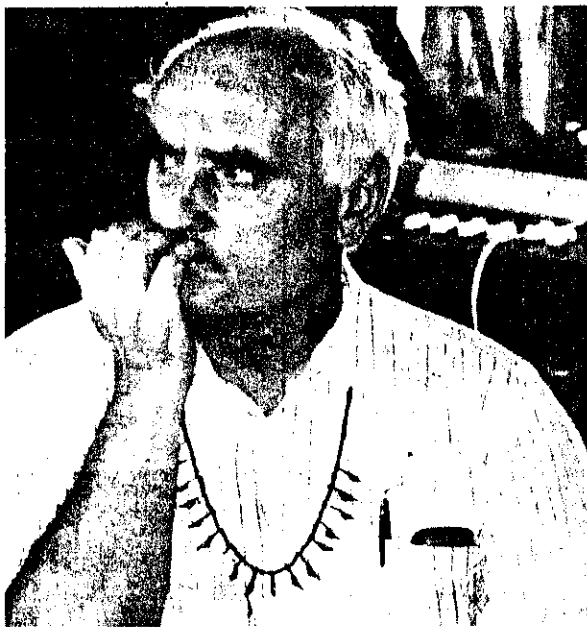
Os índios, para vencer o problema da falta de alimentos tradicionais, estão modificando seus hábitos alimentares. Em qualquer cultura, este não é um processo fácil. Na cultura indígena torna-se mais delicado. A sobrevivência, neste caso, torna-se uma experiência que tem resposta incerta e probabilidades com as quais o "homem branco" apresenta dificuldades em lidar. Os velhos Sateré, mesmo sem saber do amanhã, agradecem constantemente a Deus. Talvez, por ainda estarem vivos, hoje.

Fotos: Euzivaldo Queiroz



O "chibé" é o principal alimento dos saterés-mawés

## Sobrevivência depende do apoio à cultura



Padre Uggé: "Índios são facilmente envolvidos"

A sobrevivência dos Sateré-Mawé — maior grupo indígena da região do médio Amazonas —, vai depender do apoio ao seu fortalecimento cultural. A advertência foi feita pelo padre italiano Henrique Uggé, 52, em tom de apelo aos deputados e administradores públicos que participaram, no dia 19 último, da sessão especial da Assembléia Legislativa na comunidade Marau, no município de Maués, a 267 KM de Manaus.

Uggé trabalha há 22 anos na área. É autor do livro "As bonitas histórias dos Sateré-Mawé" e responsável por atividades no campo da religião, da saúde e da educação entre os índios. Padre Henrique considera preocupante a facilidade com que os Sateré se deixam envolver com a "cultura dos brancos". Na sua concepção, encontrar alternativas que os ajudem a fortalecer sua cultura é, hoje, um dos mais importantes compromissos dos quem os Sateré-Mawé vivos e com boa qualidade de vida.

Ele disse não concordar com o uso da alvenaria para a construção de habitações a serem utilizadas pelos índios. A Prefeitura de Maués vai construir, dentro dos próximos dias, uma escola em alvenaria, na comunidade Marau. O prefeito, Sidney Leite (PPR) considera essa alternativa mais econômica, para a manutenção, do que a tradicional, que utiliza madeira. (IV)

### Quem são os saterés-mawés

Os Sateré-Mawé estão divididos, atualmente, em duas grandes comunidades. A do Marau, a 4 horas de barco de Maués, com 24 aldeias, e cerca de 2.400 índios, e a do Andirá, no município de Barreirinha, e Parintins, com 2.800 índios (dados da Funai).

O nome Sateré significa "lingueta-vermelha", e Mawé "papagaio-falante". De acordo com o padre Henrique Uggé, esses índios formavam um só povo, os Mawé. Os sateré eram os príncipes desse povo. No passado, formavam uma grande nação que habitava da região do Tapajós até o Madeira.

Sua reserva soma 770 mil hectares, e compreende áreas dos municípios de Maués, Barreirinha, Parintins e uma parte do Pará.

As crianças, na faixa etária de zero a dez anos, representam hoje metade da população. A mortalidade infantil é bem inferior a de adultos. O taxista-geral dos Sateré, do Marau, é Caçaza de Oliveira. Os líderes indígenas têm por hábito se expressarem, em reuniões públicas, na sua língua oficial. São índios coletores. (IV)

Os jornalistas Ivânia Vieira e Euzivaldo Queiroz viajaram ao Marau em avião da Transportes Aéreos da Base Amazônica (Taba).